



ESCOLA DE
HUMANIDADES

VERITAS (PORTO ALEGRE)

Revista de Filosofia da PUCRS

Veritas, Porto Alegre, v. 70, n. 1, p. 1-18, jan.-dez. 2025

e-ISSN: 1984-6746 | ISSN-L: 0042-3955

<http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2025.1.46921>

SEÇÃO: VARIA

Pessimismo produtivo: por uma (re)definição de pessimismo crítico¹

Productive Pessimism: Towards a (Re)definition of Critical Pessimism

Pesimismo productivo: por una (re)definición de pesimismo crítico

Vilmar Debona²

orcid.org/0000-0002-0411-3358

debonavilmar@gmail.com

Recebido em: 01 out. 2024.

Aprovado em: 10 jan. 2025.

Publicado em: 10 abr. 2025.

Resumo: O objetivo do artigo é propor elementos filosóficos para uma possível redefinição do chamado pessimismo crítico como um pessimismo que, nos termos de uma adjetivação de Max Horkheimer, seja "produtivo" e aliado da Teoria Crítica. Para tanto, contextualizo historicamente o pessimismo *metafísico* schopenhaueriano e alguns de seus desdobramentos possíveis para a práxis, especifico algumas configurações de um pessimismo *crítico* da Teoria Crítica de Horkheimer, e mostro em que medida seria problemática e inconsequente a sua proposta de desdobrar daquele um otimismo prático. As principais novidades do artigo consistem em defender o pessimismo como: (i) um *continuum* e não apenas como momento da crítica materialista; (ii) dispositivo mais voltado ao passado e ao *status quo* do que ao futuro; (iii) portador de uma práxis como *pessimismo crítico prático* e não como *otimismo prático*. Uma das mais importantes "produções" de tal pessimismo seria a garantia do caráter negativo da crítica, que, se impede justificações dos males sociais pregressos e atuais, também não deixa que promessas emancipatórias, quando realizadas, se tornem novas dominações.

Palavras-chave: pessimismo metafísico; pessimismo crítico; Teoria Crítica; Schopenhauer; Horkheimer.

Abstract: This article proposes elements for a possible redefinition of so-called critical pessimism as "productive pessimism" (term used by Max Horkheimer), assuming him as an important ally of Critical Theory. After a historical description of Schopenhauer's metaphysical pessimism and some of its potential implications for praxis, I go on to portray some aspects of critical pessimism in Horkheimer's Critical Theory and demonstrate the extent to which his proposed unfolding as practical optimism would be problematic and inconsequential. The principle article's contributions are defense of pessimism as: (i) a *continuum* rather than a moment of materialist critique; (ii) a device focusing primarily on the past and the *status quo* rather than the future; and (iii) a bearer of praxis as *practical critical pessimism* instead of *practical optimism*. One of the most important "products" of this pessimism would be its ability to guarantee the negative character of critique, which avoids justifying past and present social evils and prevents emancipatory promises, if realized, from turning into new forms of domination.

Keywords: Metaphysical Pessimism; Critical Pessimism; Critical Theory; Schopenhauer; Horkheimer.

Resumen: El objetivo del artículo es proponer elementos filosóficos para una posible redefinición del llamado pesimismo crítico como un pesimismo que, en términos del adjetivo de Max Horkheimer, es "productivo" y aliado de la Teoría Crítica. Para este fin, contextualizo históricamente el pesimismo metafísico schopenhaueriano y algunos de sus posibles desarrollos en la praxis, especifico algunas configuraciones de un pesimismo crítico de la Teoría Crítica de Horkheimer y muestro hasta qué punto su propuesta de desarrollar un optimismo práctico a partir de ello sería problemática e intrascendente. Las principales novedades del artículo consisten en defender el pesimismo como: (i) un *continuum* y no sólo



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

¹ O presente artigo expõe parte dos resultados de uma pesquisa de pós-doutorado desenvolvida em 2024 junto à Goethe-Universität Frankfurt am Main, sob supervisão do professor Christoph Menke, com bolsa CAPES/Print da UFSC - Processo 88887.912532/2023-00

² Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

como un momento de la crítica materialista; (ii) dispositivo más centrado en el pasado y el *status quo* que en el futuro; (iii) portador de la praxis como *pesimismo crítico práctico* y no como *optimismo práctico*. Una de las "producciones" más importantes de tal pesimismo sería la garantía del carácter negativo de la crítica, que impide justificaciones de males sociales pasados y presentes, y también impide que las promesas emancipadoras, una vez realizadas, se conviertan en nuevas dominaciones.

Palabras clave: pesimismo metafísico; pesimismo crítico; Teoría Crítica; Schopenhauer; Horkheimer.

Os únicos interessados em mudar o mundo são os pessimistas, pois os otimistas estão encantados com o que está aí
(Saramago, 1997).

Introdução

Há um estranhamento natural sobre qualquer relação colaborativa entre pessimismo filosófico e projetos emancipatórios. Esse estranhamento não provém apenas de facilidades daquele senso comum que assume pessimismo como "expectativa ruim" e otimismo como "expectativa boa" em relação a algum evento futuro, mas também da compreensão filosófica de que pessimismo é necessariamente (i) sintoma de mal humor de seus autores ou de seu *Zeitgeist*, assim como (ii) doutrina da resignação em relação à práxis emancipatória, ou doutrina do imobilismo e da desesperança em relação a – esperanças de – transformações sociais. A incompatibilidade entre ser pessimista e ter esperanças não é apenas uma crença do senso comum, mas uma conclusão apressada de boa parte do cânone filosófico. Já faz muito tempo, porém, que essa compreensão extremamente reducionista em um sentido e falsa em outro recebeu as devidas refutações quanto à primeira das acusações. O próprio fundador e sistematizador do pessimismo moderno (Plümacher, 1883), Arthur Schopenhauer, refutou ironicamente a compreensão do neokantiano Kuno Fischer³; e

incomparavelmente mais intensas foram as refutações de Eduard von Hartmann, Agnes Taubert e outros autores e autoras do *Pessimismusstreit* do século XIX, que precisaram dedicar grande parte de suas produções para rebater adversários que lhes acusavam de, com seus pessimismos, terem apenas pintado uma inusitada "nuvem escura" sobre a Alemanha. Para esses adversários, os pessimismos filosóficos dessa inusitada "escola" se explicariam pelas hipersensibilidades pessoais dos seus autores à dor, assim como pelo estado de ânimo predominante na época, o chamado *Weltschmerz*. Não é objetivo deste artigo apresentar confrontações a esse primeiro tipo de simplificação, o que significaria debater uma questão estéril em Filosofia.

Em vez disso, meu objetivo é começar pelo confronto ao segundo tipo de acusação, que também já recebeu significativas refutações – como de Alfred Schmidt, Ludger Lütkehaus, Max Horkheimer, e, mais recentemente, da chamada "esquerda schopenhaueriana brasileira"⁴ –, mas que ainda comporta grandes questões em aberto. Esse passo inicial permitirá visar ao objetivo mais importante e mais específico do artigo: apresentar elementos para a defesa de um tipo de pessimismo crítico como declaradamente aliado de projetos emancipatórios, em especial como tendo cidadania na Teoria Crítica – ou pelo menos sendo familiar a algumas premissas do que em geral se compreende como uma Teoria Crítica. A esse pessimismo crítico, inspirando-me em Horkheimer, chamarei de *pessimismo produtivo*. Ele corresponderia ao que proponho chamar de *pessimismo crítico práctico* (não em sentido kantiano), como contraponto, porém, ao que o próprio Horkheimer chamou de *otimismo práctico*. Para tanto, percorrerei os seguintes passos: 1) considerações sobre dificuldades com o termo "pessimismo" e a impossibilidade de defini-lo

³ Em uma das raras vezes em que classificou seu pensamento como um pessimismo, em carta a seu testamentário Julius Frauenstädt, Schopenhauer rebateu com sarcasmo a afirmação de Kuno Fischer, feita em um dos volumes de sua *História da Filosofia Moderna*, sobre as origens de tal pessimismo poderem ser identificadas na época "de desespero" social em que viveu seu autor, em contraste à época de grandes êxitos de Leibniz e seu otimismo: "Ergo, então, se tivesse vivido em 1700, eu teria sido um Leibniz bajulado e otimista, e este teria sido eu, se ele vivesse agora! [...]. Além disso, meu pessimismo cresceu de 1814 a 1818 (em que ele aparece completo), que foi o período mais promissor após a libertação da Alemanha" (Schopenhauer, 2008, p. 393, tradução minha).

⁴ Segundo Fazio (2023a), Maria Lúcia Cacciola representa a primeira geração da "esquerda schopenhaueriana brasileira", enquanto o autor deste trabalho e Felipe Durante são representantes da segunda geração.

sem a consideração do mal como um conceito positivo; 2) considerações sobre possíveis práxis do pessimismo de cunho schopenhaueriano por meio de relações de proximidade entre pessimismo crítico e Teoria Crítica; 3) especificação de algumas configurações de um pessimismo crítico de partes da Teoria Crítica de Horkheimer; 4) defesa de que é problemática e inconsequente a proposta de um "otimismo prático".

1 O termo "pessimismo" e a questão do mal positivo

Em suas etimologias, "pessimismo" é substantivo de *pessimus* ("o pior"), e "otimismo", de *optimum* ("o melhor"). Filosofias pessimistas ou fundamentadoras de pessimismos seriam aquelas que assumem as premissas metafísicas de que, devido à constatação do mal e do predomínio da dor e do sofrimento sobre o prazer e a felicidade, "o não ser é preferível ao ser", e de que, como tal, este seria o "*pior* dos mundos possíveis". Filosofias fundamentadoras de otimismo partiriam dos pressupostos inversos. Uma tentativa de resumo pode afirmar que as premissas basilares para a valoração do *pessimus* ou do *optimum* por parte de uma visão (filosófica) de mundo seriam basicamente duas, que se complementam: 1ª) assumir o mundo como criação de um Deus ou de um princípio bondoso e, então, justificado em si mesmo (otimismo), ou como sem fundamento e injustificado (pessimismo); 2ª) reconhecer a positividade, a predominância e a busca do bem e da felicidade, e a negatividade do mal e dos sofrimentos (otimismo), ou a negatividade do bem e da felicidade, e a positividade e a predominância do mal e dos sofrimentos (pessimismo). Esses seriam pressupostos básicos dos quais se podem colher as mais diversas consequências em diferentes esferas.

Mas essa definição nunca foi desprovida de problemas. Há uma série de confusões, mal-

-entendidos e banalizações que acompanham linguística e semanticamente o emprego do termo "pessimismo" desde seus primeiros registros. Sem o propósito de me deter ao aparato historiográfico do tema, remeto-me à recente reconstrução realizada por Freitas (2024) a partir de fontes variadas: de forma muito resumida, os primeiros empregos do termo "pessimismo" foram feitos como neologismo de otimismo, como mera contraposição ao otimismo do melhor dos mundos possíveis de Leibniz, Pope, Shaftesbury e Wolff, do final do século XVII para o XVIII. Começou a aparecer no século XIX, a partir de 1815, em revistas e jornais britânicos como "espírito de insatisfação", e apenas a partir da década de 1820 foi registrado em dicionários, o que nunca lhe garantiu emprego estritamente técnico, mas quase sempre o sinônimo de melancolia e de tendência de alguém em ver o lado obscuro – ou, com o sentido racista com que foi empregado, o lado "negro" – da existência. Essas dificuldades com o termo desdobram-se igualmente para o campo semântico. Por exemplo, quando um grupo expressivo de neokantianos, constituído por nomes como Kuno Fischer e Jürgen Bona Meyer, atribuiu a uma mera questão de *Zeitgeist* as origens do profícuo e altamente produtivo *Pessimismusstreit*, ocorrido na Alemanha na segunda metade do século XIX – e constituído por nomes como Eduard von Hartmann, Julius Bahnsen, Agnes Taubert, Olga Plümacher e Philipp Mainländer⁵ –, vinculou tais origens a uma causa significativamente remota, de um evento histórico ocorrido quase três décadas antes: o fracasso da revolução de 1848 e as desilusões generalizadas que se desdobraram dela nas décadas posteriores. Mas episódios de desilusões sociais e depressões econômicas poderiam explicar o pessimismo como visão filosófica de mundo?

Por esses e outros motivos, seria tentador propor uma substituição do termo "pessimismo" (*Pessimismus*) por algo como "malismo" (*Malis-*

⁵ Essa "escola" da segunda metade do século XIX, que se formou a partir de interpretações (e modificações) do pensamento de Schopenhauer e se firmou em torno da chamada *Pessimismus Frage*, historicamente oposta ao movimento neokantiano daquela mesma época, experimenta no presente uma extraordinária revalorização. Sua revigoração mais expressiva, além daquela protagonizada e já consolidada em torno da Escola de Schopenhauer em Lecce (Itália), está se dando na América Latina, em especial no México. As iniciativas são vastas e incluem traduções, bem como a criação dos *Cuadernos de Pesimismo* e da *Sociedad Iberoamericana de Estudios sobre Pesimismo*.

mus) ou "miserabilismo" (*Miserabilismus*), em vista de evitar uma série de problemas linguísticos e semânticos, a começar por livrar a questão do problema comparativo entre "melhor" e "pior" dos mundos. "Malismo" funcionaria de forma mais clara como oposição a "otimismo" porque contrapor a este a escancarada existência do mal no mundo, sem se comprometer com qualificações específicas. Num sentido que não seria mais aquele atribuído por Schopenhauer a "possíveis"⁶, permitiria também que o mal fosse reconhecido como constitutivo do mundo sem comprometer a afirmação de que este ainda seria "o melhor dos mundos possíveis". Foi o que sugeriram respectivamente G. Knauer (1873) e R. Haym (1873) no contexto da estrondosa recepção de *Filosofia do inconsciente*, de E. von Hartmann, considerada por Plümacher (1883) a segunda sistematização – após a de Schopenhauer – do pessimismo filosófico moderno. Porém, adotando o mesmo tipo de argumento de Agnes Taubert (1873), considero extremamente difícil que uma expressão tão naturalizada e introjetada como "pessimismo" venha a ser preterida em relação a esses outros neologismos. Além dessa descrença, apesar das confusões que o termo *Pessimismus* causa, suas possíveis definições apresentam potenciais para pensarmos funções e derivações determinantes para nossas hipóteses, como veremos a seguir.

Na tradição filosófica ocidental, o que demarcou uma fronteira metafísica incontornável para nossa questão foi a conhecida oposição frontal de Schopenhauer aos pressupostos da monadologia de Leibniz, assumido pelo primeiro como "o fundador do otimismo sistemático" do "melhor dos mundos possíveis" (Schopenhauer, 2015, p. 695), explicado por uma teodiceia. Em contraste direto, o "mundo cheio de misérias", "palco de seres atormentados e angustiados, que só conseguem subsistir se se entredevoram" (Schopenhauer, 2015, p. 692-693), explanado por Schopenhauer em sua obra principal, só poderia ser o oposto da visão leibniziana: o pior dos mundos possíveis,

explicado por uma espécie de patodiceia. Pois "a falha desculpa para os males do mundo" (Schopenhauer, 2015, p. 692-693), a de que o mal às vezes produz o bem, além de justificar a história sangüinária, se revelaria falsa por pressupor a positividade do bem e da felicidade: como fez Voltaire com seu Panglos, bastaria ser sincero para reconhecer o oposto do otimismo. Com suas premissas sobre a positividade do mal e da dor, e sobre o bem e a felicidade como negações do mal e do sofrimento; sobre a imutabilidade do caráter individual, e sobre a história como mero registro das aparências variadas de algo invariável, ou seja, a disputa eterna por matéria e satisfação movida por uma vontade irracional e cega como essência do mundo, esse pessimismo filosófico fundamentado por Schopenhauer é, então, um *pessimismo metafísico*.

Com isso, é seguro afirmar que na Filosofia ocidental, desde pelo menos Schopenhauer, que foi sucedido pelo referido *Pessimismusstreit* alemão, "pessimismo" passou a designar visões críticas de mundo muito bem delimitadas. Se foi o caso de o chamado *pessimismo cultural* (*Kulturpessimismus*) ter surgido de espírito de época e de fatores sociopolíticos, não teria sido o caso do pessimismo filosófico moderno. Segundo um dos maiores estudiosos do pessimismo da atualidade, Beiser (2016, p. 5), a referida controvérsia do pessimismo, desdobrada do pessimismo schopenhaueriano, se deveu a uma redescoberta do problema do *mal* e à recuperação da perplexidade ante a existência *sem* Deus, que desde os antigos gregos politeístas e, principalmente ateístas, haviam se perdido. Mais exatamente, podemos afirmar que se tratou, via Schopenhauer, de uma redescoberta incrementada: a da *positividade* do mal e a da negatividade do bem. Assim como todo sofrimento seria signo do mal que existe por si mesmo e não como exceção do bem,

[...] as alegrias mentem ao desejo, ao afirmarem que seriam um bem positivo quando em verdade são de natureza meramente negativa,

⁶ Schopenhauer entende que "possível" "[...] não significa o que casualmente alguém pode fantasiar, mas o que realmente pode existir e subsistir. Ora, este mundo foi de tal forma disposto, como teria de sê-lo, para poder se manter com a sua exata miséria: se, entretanto, ele fosse um pouquinho pior, então não poderia mais subsistir. Logo, um mundo pior, por ser incapaz de subsistir, é absolutamente impossível, por conseguinte, este é o pior dos mundos possíveis" (Schopenhauer, 2015, p. 598).

tão somente o fim de um padecimento. Nesse sentido, não importa o que a bondade, o amor e a nobreza de caráter possam fazer pelos outros, tem-se aí sempre apenas o alívio dos sofrimentos (Schopenhauer, 2015, p. 477).

Realizou-se assim uma espécie de novo desvencilhamento da filosofia em relação a acepções teológicas e religiosas da noção de mal que predominaram ao longo das Idades Média e Moderna, mas também em relação às acepções filosóficas positivas de bem e negativas de mal, garantidas até mesmo em Kant.

Se a noção de mal como realidade independente, que não é mais mera defecção do bem, é a marca registrada dos inícios do pessimismo filosófico moderno, o primeiro e único critério inicial do qual não se pode prescindir para considerar uma filosofia como pessimista, ou como um pessimismo, é o do reconhecimento do mal como ontologicamente positivo. Variáveis ou peculiaridades adicionais, desenvolvidas posteriormente na tradição filosófica do pessimismo, não poderiam ser critérios necessários se não fossem precedidos por esse.

2 Considerações sobre pessimismo crítico e Teoria Crítica

Mesmo que esses pressupostos estejam relativamente bem acordados para a esfera metafísica do debate (e quase nunca estão), eles exibem ainda menos consensos quanto a possíveis implicações no plano da práxis, ou seja, da ação concreta decorrente das premissas ora elencadas. Ou, se há algum consenso significativo, predomina nele – ou ao menos predominou antes da fundamentação da chamada “esquerda schopenhaueriana” (Cacciola, 1994, 2022, 2023; Ciraci, 2022; Debona, 2013, 2020, 2022; Durante, 2018, 2022; Fazio, 2023a; Lütkehaus, 1985, 2007) – aquela parcialidade que historicamente assume o pessimismo como necessariamente sinônimo de quietismo, resignação, imobilismo político e social, avesso de engajamento. Para piorar ainda mais a dificuldade, o emprego de “pessimismo” não atrelado a conformismo ou resignação, em geral, é feito com o uso do adjetivo “crítico” sem a

devida justificativa. Isso se verifica com frequência em textos ou pronunciamentos de estudiosos da Teoria Crítica, que, ao tentarem diferenciar “pessimismo crítico” de pessimismo em geral, tornam genérico e vago o próprio “pessimismo crítico”, pois pressupõem uma equivalência óbvia dele com “teoria crítica”. Um “pessimismo crítico” não é óbvio; sua definição precisa ser acompanhada da devida justificativa sobre o adjetivo que o especifica e o articula com a práxis.

Se Schopenhauer estaria aparentemente imune quanto aos problemas dessa questão por estabelecer nas páginas de *O mundo* que “a filosofia deve permanecer sempre teórica” e que os raros eventos de redenção desse mundo, via negação da vontade no ascetismo, de forma alguma podem ser prescritos, seus ensaios posteriores permitem ver o que podemos considerar como uma práxis da compaixão (em especial na segunda parte da dissertação “Sobre o fundamento da moral”), uma gestão do egoísmo individual no convívio social (em especial nos *Aforismos para a sabedoria de vida*), e uma reiterada denúncia ou crítica social das diversas mazelas das sociedades de sua época (tanto no tomo II de *O mundo como vontade e representação*; quanto no tomo II dos *Parerga e paralipomena*, 2015). O último caso pode ser notado, por exemplo, quando lemos elaborações do capítulo 46 de *O mundo*, que confronta o otimismo leibniziano, classificando-o de falso e pernicioso por justificar os males do mundo, ao tempo em que denuncia a *escravidão* e o *trabalho forçado*:

O modo como o ser humano procede com o humano, mostra-o, por exemplo, a *escravidão dos negros*, cuja finalidade é a obtenção de açúcar e café. Mas não é preciso ir tão longe: uma criança entrar aos cinco anos de idade numa fiação de algodão, ou outra fábrica qualquer, e ali sentar-se todos os dias primeiro 10, depois 12 e finalmente 14 horas para realizar sempre o mesmo trabalho mecânico, é pagar um preço elevado demais pela diversão de respirar. Este, no entanto, é o destino de milhões de pessoas, e muitos outros milhões têm um destino análogo (Schopenhauer, 2015, p. 690, grifos meus).

Devido à dinâmica da vontade em si, o sofrimento do mundo nunca poderia ser completamente eliminável, mas isso não implicaria deixar

de denunciá-lo para não eliminar motivos que levassem à negação da vontade via quietismo. Temos um depoimento pessoal do próprio Schopenhauer, quando, em uma conversa com seu testamentário Frauenstädt, contestou o raciocínio deste sobre a hipótese de não ser bom combater os sofrimentos devido ao que diz sua teoria do *deuteros plous*: "Não obstante todas as atenuações e aplacamentos do sofrimento, sempre haverá miséria suficiente no mundo que leve à resignação" (Schopenhauer, 1971, p. 114, tradução minha). Poderíamos distinguir, então, pelo menos duas alianças básicas do pessimismo metafísico: uma com um tipo de práxis reacionária, que entende esse pessimismo como aceitação do *status quo*; e outra com uma práxis emancipatória, que o compreende como oportunidade de consciência para as lutas. De qualquer modo, já faz tempo que a falsa ideia de um reducionismo do pessimismo à resignação e ao imobilismo foi superada, e uma das formas mais didáticas de mostrar o que isso significa é justamente delimitando o que ainda falta, ou seja, em que consistiria precisamente um *pessimismo crítico*.

A princípio, uma possível diferenciação entre pessimismo metafísico e pessimismo crítico seria a seguinte: metafisicamente o pessimismo é a doutrina que conclui sobre a preferência pela inexistência do mundo em vez de sua existência, devido, fundamentalmente, à positividade do mal em detrimento da negatividade do bem; ele sempre será mais familiar a um idealismo desdobrado em ontologia negativa e em eudemonologia eufemística, com o que sempre poderá ser identificado como filosofia do "pior dos mundos possíveis" ou como axiologia geral sobre o predomínio da dor sobre o prazer. Já o pessimismo crítico, se não nega tais premissas metafísicas, jamais se restringe ao seu escopo teórico. Lá onde o pessimismo metafísico identifica "as dores do mundo", o pessimismo crítico vê materialmente as explorações e perversidades de sistemas socioeconômicos específicos, que fabricam a miséria e o mal social em um mundo

que, independentemente de disputas metafísicas sobre ser ou não ser, existe. O pessimismo metafísico se ocupa dos males em geral; um pessimismo crítico precisa se ocupar dos males específicos, notadamente os sociais.

Schopenhauer, em uma das mais importantes elaborações de seu pessimismo metafísico, sustenta que o "espanto" em relação à existência só existe porque o mundo não se justifica por si mesmo:

Se o mundo não fosse algo que, expresso PRATICAMENTE, não deveria ser, TEORICAMENTE ele também não seria um problema: antes, a sua existência não necessitaria de explicação nenhuma, uma vez que seria inteiramente compreensível por si mesma, de modo que um espanto acerca dela e a pergunta sobre ela não poderiam ocorrer a cabeça alguma; ou então, a finalidade do mundo apresentar-se-ia de maneira inequívoca. [...] Portanto, se alguém ousa lançar a questão sobre por que não existe antes o nada em vez deste mundo, então o mundo não pode trazer em si mesmo a própria justificação (Schopenhauer, 2015, p. 662).

No âmbito do pensamento de Schopenhauer, a explicação sobre tal fundamento ou causa final consiste, como sabemos, na tese metafísica de que o princípio da existência é sem fundamento, isto é, vontade de vida cega, sem propósito, razão ou finalidade. Então haveria uma consonância implícita entre a própria ideia de "crítica", em sentido amplo, e o inconformismo de que é feito o pessimismo, no sentido de não se "conformar" com uma justificação inerente ao ser e ao mundo. "Espanto filosófico" em sentido schopenhaueriano, pessimismo e crítica social se complementariam: são todas formas de não conformismo em relação a diferentes formas do ser, da forma metafísica à social. Assim, diríamos sem receio que, se o pessimismo não permite apenas contribuições axiológicas e metafísicas sobre o sentido ou o valor da existência, então um de seus lugares privilegiados pode ser a Teoria Crítica – que pode assumi-lo como uma de suas ferramentas, transformando-o em pessimismo crítico e vendo nele diferentes potenciais⁷.

⁷ A literatura especializada dispõe de outras elaborações de pessimismo crítico, não necessariamente do âmbito da Teoria Crítica. Por exemplo, a leitura de Rudolf Malter de um pessimismo crítico como *conceito crítico* de pessimismo. O intérprete assume o pessimismo

Mas em que sentido mais específico estou entendendo "crítico", aqui? Assumo-o em sintonia com sentidos relativamente bem consensuados do adjetivo, em sua variação feminina, que nomeia a Escola (da Teoria *Crítica*), notadamente nos inícios dela como Escola de Frankfurt e, em especial, conforme empregado num dos textos fundadores, o *Teoria tradicional e teoria crítica* (Horkheimer, 1980). Com efeito, representantes e estudiosos atuais da Teoria Crítica parecem pressupor como certo ou óbvio que a Teoria Crítica seja "pessimista" devido a obstáculos e dificuldades que ela necessariamente considera em vista dos processos emancipatórios – ou devido a impossibilidades de emancipação. Mas isso seria empregar "pessimismo" de forma acrítica, sob a referida acepção do *common sense* ou do chamado "pessimismo cultural", isto é, reduzi-lo a sinônimo de baixa expectativa ou de expectativa ruim. Seria colaborar diretamente com a continuidade da banalização histórica do uso do termo "pessimismo" em Filosofia.

Há, porém, exceções. Olgária Matos é uma rara representante atual da Teoria Crítica a empregar, há cerca de trinta anos, a expressão "pessimismo crítico" para analisar a Escola de Frankfurt, justificando e vinculando tal emprego diretamente à determinante presença schopenhaueriana nos inícios da referida escola. Matos o faz, por exemplo, como título de um tópico breve do seu livro *A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo* (1993), em que parte do pressuposto de que "o pessimismo de Horkheimer e a ciência melancólica de Adorno têm função crítica" (Matos, 1993, p. 74). A criticidade do pessimismo é suposta pela autora como crítica emancipatória, com base não apenas em Horkheimer, mas também em Marcuse de *Eros e civilização*: a ideia de não ser possível atribuir a um *telos* imanente à história a possibilidade de um desenlace feliz;

"não se trata da luta pela vitória histórica, pois isso significa manter-se no registro do inimigo" (Matos, 1993, p. 75). Já em *Os arcanos do inteiramente outro*, de 1989 (p. 259), a autora sintetizara: "Contra o Iluminismo autoconfiante nos desdobramentos da razão na história, Schopenhauer, por seu antifinalismo e anti-iluminismo, é força crítica". Considero, porém, que esses são mais resultados, decorrências possíveis do pessimismo crítico, e menos uma definição dele. Para uma sua delimitação mais precisa, teríamos de levar em conta o que procuro destacar na sequência.

Sabemos como Horkheimer distinguiu os dois modelos teóricos. A "teoria tradicional" teria origem nos primórdios da filosofia moderna, em especial no método cartesiano, com o qual "a ordem do mundo abre-se para uma conexão de deduções intelectuais" (Horkheimer, 1980, p. 118), como longas cadeias feitas por motivos racionais (para dizer com Descartes) ou como sistema fechado de proposições (para dizer com Husserl). Já a "teoria crítica" teria de ser capaz de pensar teoria e práxis como unidade dialética, com o que seria preciso "passar para uma concepção que elimine a parcialidade que resulta necessariamente do fato de retirar os processos parciais da totalidade da práxis social" (Horkheimer, 1980, p. 124). Uma tentativa de captar o essencial da preocupação dessa nova concepção de teoria pode estar na última frase do texto: "O conformismo do *pensamento*, a insistência em que isto constitua uma atividade fixa, um reino à parte dentro da totalidade social, faz com que o *pensamento* abandone a sua própria essência" (Horkheimer, 1980, 154, grifos meus).

Ora, se substituíssemos "pensamento" por "pessimismo" na elaboração anterior, ela continuaria fazendo sentido. E aí pode ser notada uma das raízes semânticas de um pessimismo crítico no sentido de Teoria Crítica. Superar o

metafísico como consideração ou valorização da experiência da dor e como compreensão correta e não falsificada de tal experiência, que pode ser falsa precisamente se medida por parâmetros do eudemonismo – já que a felicidade não seria a finalidade da existência – ou do otimismo e de alguma teodiceia – já que o mundo não seria obra de um Deus bom e providente. Malter elabora tal pessimismo também e principalmente como *atitude* tanto teórica quanto prática; e ainda como *postura* filosófica crítica perante o eudemonismo e o otimismo, uma postura que seria também corretora ou, diríamos, "desencantadora" do indivíduo ante o mundo nu e cru, à medida que possibilitaria eliminar falsas esperanças e expectativas. Para Malter (2009, p. 630), a filosofia de Schopenhauer seria, assim, uma espécie de "filosofia da libertação" por meio do pessimismo, à medida que este, com toda a sua força iluminística traduzida em oportunidade de consciência sobre o *pessimus*, abria caminho para a libertação da própria dor.

conformismo significaria, em grande medida, passar de um pessimismo conformista para um pessimismo crítico teórico, que então pode se desdobrar em pessimismo crítico prático. Em outros termos, assim como Horkheimer distinguiu teoria crítica de teoria tradicional por uma rejeição à concepção de metafísica clássica, de forma semelhante poderíamos distinguir pessimismo crítico de "pessimismo tradicional" (fundamentalmente metafísico) devido à ausência de disposição ou impossibilidade deste último em contribuir com transformações sociais, ou para contribuir com transformações sociais ao modo proposto pela Teoria Crítica.

Para além ou aquém de todos os nuançados empregos de crítica em seus diferentes e variáveis diagnósticos em vista de emancipação, nos mais diversos ramos, gerações e atualidades da Teoria Crítica – e mesmo que o próprio Horkheimer tenha mudado, posteriormente, o sentido atribuído originalmente a esse conceito (Wiggershaus, 2002, p. 34) –, independentemente disso, os aspectos mais valiosos daquela definição de crítica para os propósitos da nossa questão sobre o pessimismo são dois: o da possibilidade de *diagnosticar patologias sociais* e o da transformação da realidade em termos de *emancipação social*, considerando os obstáculos para tanto (Melo, 2011, p. 249; Nobre, 2004, p. 31-33). Ou seja, justamente a definição originária da antiga teoria crítica de Marx da década de 1840, do contexto do capitalismo liberal e da luta de classes, que a Escola de Frankfurt recuperou na década de 1930, sob a marca de materialismo interdisciplinar no contexto de uma nova fase do capitalismo. Sabemos que essa recuperação inclui a noção de práxis e a insistência em não confundi-la com mera ação.

Dessa forma, seria razoável sugerir que os empregos de "pessimismo crítico" fossem mi-

nimamente consonantes à tradição da Teoria Crítica. Caso contrário, o emprego de "crítico" para adjetivar "pessimismo" pode soar como alusão implícita a "pessimismo filosófico" em geral, para indiretamente marcar diferenças deste em relação ao uso vulgar do termo.

Para tanto, vale considerar ainda uma clara – e apenas aparentemente estranha – raiz marxista desse pessimismo crítico. Ela está patente justamente nas duas tarefas (realizar diagnósticos e engajar-se em práxis emancipatória) e se apresenta mediada pelo próprio Horkheimer e por outro grande nome da Teoria Crítica, Alfred Schmidt. Com efeito, "a Escola de Frankfurt estava separada de Kant e Hegel por Schopenhauer, Nietzsche, Dilthey, Bergson, Weber, Husserl e muitos outros, para não mencionar a sistematização do próprio marxismo" (Jay, 2008, p. 85). Horkheimer (2008, p. 270, tradução minha) afirmará que "o materialismo marxista, livre do autoengano idealista, se aproxima mais de Schopenhauer do que de Demócrito"; e, em *Teoria crítica ontem e hoje*, lemos que "os dois filósofos que influenciaram de forma decisiva os inícios da Teoria Crítica foram Schopenhauer e Marx" (Horkheimer, 2022, p. 336, tradução minha). Assim, no autor que dedicaria não menos que cinco artigos a Schopenhauer⁸, temos mais do que a defesa de que o *malum physicum* do materialismo histórico de Marx seria complementado com o *malum metaphysicum* schopenhaueriano⁹.

Sabemos, por exemplo, que a mescla entre Marx e Schopenhauer na década de 1930 se deu basicamente por Horkheimer ter encontrado em ambos, sob diferentes formas, a ideia da impossibilidade de justificar os sofrimentos da sociedade capitalista. No mais, como resume Alfred Schmidt (1977, p. 89, tradução minha) ao analisar essa dupla influência, "Marx e Schopenhauer professam ambos [cada um a seu modo]

⁸ Os cinco artigos são: *Schopenhauer e a sociedade* (1955), *A atualidade de Schopenhauer* (1961), *Religião e filosofia* (1967), *Pessimismo hoje* (1971) e *O pensamento de Schopenhauer em relação à ciência e à religião* (1972). Já está mais do que comprovado que o interesse de Horkheimer por Schopenhauer não se restringe à fase tardia. Além da constatada presença nos mais diversos textos e publicações de todas as fases, dois atestados são: aos 18 anos de idade, o fundador da Teoria Crítica se iniciou na filosofia lendo os *Aforismos para a sabedoria de vida* de Schopenhauer (Wiggershaus, 2002), e na parede de seu gabinete na Goethe-Universität, Schopenhauer fazia companhia a Marx (Ruggieri, 2015).

⁹ Não irei me deter às fases de recepção de Schopenhauer por Horkheimer, pois sobre isso já contamos com variados estudos. Restringo-me a mencionar, por exemplo, Chiarello (2001), Fazio (2023b), Miggiano (2017), Post (1971), Ramos (2008, 2017), Ruggieri (2015), Schmidt (1977), Sembler (2013), Veauthier (1988), Zanghi (2023).

o caráter cego e inconsciente que caracteriza o curso do mundo". Já a partir de 1940, no contexto dos diagnósticos das promessas não cumpridas do Esclarecimento, a combinação é significativamente alterada, com menos Marx e mais Schopenhauer. Foi considerando isso que A. Schmidt, para quem "o pessimismo em Schopenhauer é o vínculo oculto entre materialismo e metafísica" (2021, p. 69), fundamentou, inclusive em termos marxianos e engelsianos, um "materialismo pessimista" a partir de um "pessimismo materialista" (Corbanezi, 2017). Schmidt (2021, p. 73) é objetivo:

Onde o materialismo renuncia à exigência de 'visões de mundo positivas', ele se aproxima da filosofia de Schopenhauer e entenderá como este, de muitas maneiras, o contrassenso de nossa existência condicionada e frágil. Isso não impede que a vontade, no meio de todo *malum metaphysicum*, lute energeticamente contra todo sofrimento, o *malum physicum*¹⁰, que pode ser abolido. Em resumo, certamente toda filosofia materialista que vale alguma coisa abriga um momento pessimista no seu interior.

Essa elaboração forte de Schmidt é uma versão do que seu ex-orientador Horkheimer escreveu em 1968, em sua apresentação à reedição de um conjunto de textos da década de 1930, intitulado *Teoria Crítica*:

O pessimismo metafísico, *momento* implícito em todo pensamento genuinamente materialista, me foi familiar desde sempre. À obra de Schopenhauer devo o meu primeiro contato com a filosofia; a relação com a doutrina de Hegel e de Marx, o desejo de compreender e de mudar a realidade social não cancelaram – *apesar do contraste político* – minha experiência com a sua filosofia (Horkheimer, 1990, p. 4, grifos meus).

Não temos mais dúvidas, portanto, de que Horkheimer verá de forma peculiar os potenciais emancipatórios do pessimismo. Conforme mostra Veauthier (1988, p. 593), seu interesse pela filosofia schopenhaueriana tem como elemento mais claro e importante o sofrimento humano em geral, suas causas e a possibilidade de sua

supressão. O que está em questão, porém, são as facetas dos sofrimentos condicionados socialmente; e o caráter condicionado do bem-estar e do sofrimento humano acaba por condicionar também a ideia de pessimismo. Com as faces do pessimismo horkheimeriano, teríamos de registrar, aliás, a discordância já notada pela literatura especializada (cf. Chiarello, 2001) em relação à avaliação de Habermas, elaborada em *Teoria da agir comunicativo*, sobre a conhecida virada da Teoria Crítica da década de 1940: não se teria dado tanto devido à aproximação com as teses da reificação de Lukács, mas sim a uma maior aproximação (crítica) de Schopenhauer. Ora, o momento implícito de pessimismo *metafísico* em todo materialismo genuíno não seria apenas "um momento". Em seguida, não se poderia chegar a algum otimismo, mas seria necessário transitar para uma outra forma (ou face) do pessimismo, o *crítico*.

Em última instância, a questão norteadora é sobre justificar ou não os sofrimentos do passado e do presente, mais do que delimitar o que se pode ou não esperar do futuro. Sabemos que foi exatamente quanto a isso que Georg Lukács (2020), frontalmente oposto a Horkheimer, ventiloou toda uma suposta perversão e capacidade de destruição do pessimismo schopenhaueriano ao afirmar que teria havido justificação por parte do filósofo da vontade. O pessimismo schopenhaueriano seria corresponsável pela promoção da miséria da qual se nutre: a serviço da burguesia e desejoso da "tranquilidade dos salões", esse pessimismo de filósofo *rentier* seria assim justamente por consistir na justificação filosófica da falta de sentido de toda atuação política (e social), com o que cumpriria justamente a sua função social. Em vez de qualquer contribuição com o solidarismo, este geralmente requerido pelas classes operárias e desfavorecidas, para Lukács (2020, p. 186), é o egoísmo individualista-burguês, "de tipo capitalista", que compõe a outra face de tal pes-

¹⁰ Como sintetiza Lütkehaus (1985, p. 35, tradução minha) na coletânea *Schopenhauer und Marx: Philosophie des Elends - Elend der Philosophie?*, "Schopenhauer geralmente prefere o termo 'sofrimento' em sua forma singular, enquanto Marx fala mais de 'miséria' ou 'sofrimentos' – por razões óbvias: Schopenhauer está preocupado com uma ontologia da miséria, que trata sobre a 'negatividade' e o querer desiludir-se do irreversível 'sofrimento da vida'; Marx, por outro lado, no contexto da sua discussão da *Philosophie de la misère* de Proudhon, visa as formas histórica e socialmente específicas de miséria, com o 'imperativo categórico' da sua eliminação. No entanto, nenhum deles fez qualquer diferenciação terminológica explícita".

simismo metafísico. Tão egoísta que seria capaz de construir para seu bel-prazer uma espécie de "grande hotel abismo", com o qual se daria o privilégio da contemplação [do abismo] da miséria. Lukács, porém, ao ler como justificada a realidade funesta e demonizar Schopenhauer – ao lado de Kierkegaard, Nietzsche e Schelling – como reacionário, pregador do quietismo e precursor do nazismo, de modo algum nega a práxis de tal pessimismo; apenas a vê como possibilitadora da destruição e fundamentadora do irracionalismo. Então, aqui também é possível diferenciar, por um lado, um tipo de práxis reacionária, e, por outro, uma práxis emancipatória.

Vejamos agora como podem se articular elementos para a última delas.

3 Configurações específicas do pessimismo crítico de Horkheimer

Em que consistiria especificamente um pessimismo crítico horkheimeriano? Se nos concentrarmos em dois dos cinco referidos artigos do autor sobre Schopenhauer, obteremos respostas. Refiro-me a *Schopenhauer e a sociedade*, de 1955, e a *Pessimismo hoje*, de 1971, que são aqueles em que mais encontramos o termo "pessimismo" expressamente registrado por Horkheimer. A especificação de qual pessimismo estaria indicado neles evita de forma mais segura que o pessimismo adjetivado como crítico sofra da mesma generalização de que sofre o pessimismo filosófico em geral. É válido considerar que os referidos cinco artigos, após serem apresentados, um a um, como conferências na sede da Sociedade Schopenhauer, em Frankfurt a.M., foram publicados nos respectivos anos seguintes no Anuário daquela mesma Sociedade (o *Schopenhauer-Jahrbuch*). Neles podemos verificar boa parte do que consistiu a referida "experiência não cancelada" com Schopenhauer.

No primeiro artigo, a peculiaridade do pessimismo crítico, contra Schopenhauer, consistirá na recusa terminante em atribuir genericamente a uma dinâmica própria do mundo volitivo as causas da falta de satisfação prometida e não cumprida pelo progresso:

A filosofia pessimista converteu-se na racionalização do inquietante estado da realidade; ajudou a atribuir à essência do mundo a falta das satisfações ou dos alívios que foram esperados do progresso técnico, ao invés de deduzir as desgraças que se anunciavam de uma organização da sociedade em que a técnica escapou das mãos dos seres humanos (Horkheimer, 1985, p. 46-47, tradução minha, grifo meu).

Para diferenciarmos "filosofia pessimista" em geral de "pessimismo crítico", é muito importante ponderar sobre a que Horkheimer se refere aqui com "a filosofia pessimista". Seria possível conjecturar que estivesse se referindo a Schopenhauer e ao *Pessimismusstreit* do século XIX, pois ele estaria ciente de que foram esses os dois marcos principais do pessimismo como visões filosóficas de mundo. Porém, na obra publicada e nos Arquivos da Goethe-Universität que abrigam manuscritos e anotações do autor ainda não publicados, não encontramos qualquer referência a autores e autoras do *Pessimismusstreit*, o que indica que Horkheimer não os considerou para essa preocupação. Chama a atenção, no entanto, que nos referidos arquivos, em uma das versões datilografadas do artigo *Schopenhauer e a sociedade*, a citação anteriormente registrada é elaborada com a seguinte diferença em relação à versão publicada no *Schopenhauer-Jahrbuch* e posteriormente nos Escritos Completos: "O pessimismo ajudou a atribuir a falta de alívio esperado do progresso técnico à natureza do mundo, em vez de atribuir o desastre iminente ao estado da sociedade em que a tecnologia superou as pessoas" (Horkheimer, 2024, p. 5, tradução minha, grifo meu). Ou seja, Horkheimer riscou "o pessimismo" em um dos seus rascunhos do referido artigo, substituindo o termo pela expressão "a filosofia pessimista". Está implícita aqui a preocupação do fundador da Teoria Crítica em diferenciar "o pessimismo" em geral, algo vago, de "filosofia pessimista". Ou melhor: aqui teríamos uma diferenciação implícita entre (i) pessimismo acrítico, (ii) filosofia pessimista e (iii) – o seu – pessimismo crítico.

Bem ao modo da concepção de crítica que fundou a Escola, um pessimismo crítico, em lugar

de sobrecarregar "o mundo", filiaria os fracassos sociais a suas respectivas sociedades, dinâmicas, compromissos sociais e políticos. Em específico, Horkheimer se refere, nesse artigo, a aspectos das falências da razão objetiva já expostos em textos anteriores sobre razão instrumental: recorrendo à tese de Schopenhauer de que o progresso social é sempre compensado por novas penas e cargas de sofrimento, Horkheimer diagnosticará o *pessimus* do Pós-Guerra mediante o que podemos chamar de elementos schopenhauerianos das teses da razão instrumental e da indústria cultural: "a eliminação progressiva da servidão doméstica da mulher, a igualação dos modos de ser do trabalhador e do empresário, a democratização da existência" não evitam "o deslocamento das energias econômicas em favor do instrumental" (Horkheimer, 1985, p. 52).

Nesse mesmo artigo, temos também duas diferentes afirmações, opostas e por isso aparentemente incoerentes, sobre a justificação ou não do *status quo* por Schopenhauer, e, com isso, decisivas para a nossa delimitação. No início, a afirmação é de que houve, sim, justificação por parte de Schopenhauer:

Na proclamação de tal insensatez [dos empenhos e movimentos históricos] se encontra a consagração do existente [...]. Na ausência de uma teoria vigente da sociedade e ante à suposição da falta de importância de todos os frutos daquele ócio criativo pelo qual Schopenhauer reivindicava a tranquilidade e a ordem, é difícil compreender por que o interesse de um filósofo independente pela manutenção do estado das coisas tenha que ter mais importância filosófica do que o interesse de trabalhadores auxiliares por sua mudança: em rigor lógico, o pessimismo filosófico ou se compromete melhor com a argumentação racional a favor do *status quo* ou com a subversão (Horkheimer, 1985, p. 162, grifos meus).

Por mais estranho que pareça, foi esta última opção que Horkheimer sempre enxergou em Schopenhauer. Não se trata de incoerência. Aliás, não se trataria, antes, de mais uma contradição própria dessa dialética do pessimismo? Horkheimer, ao contrário de Lukács, diferenciou os interesses pessoais bem conhecidos de Schopenhauer em relação ao conteúdo da sua filosofia: "Sua reprovação da subversão não está

motivada filosoficamente" (Horkheimer, 1985, p. 163). E esse tipo de posicionamento, ilustrativo do conservadorismo *político* de Schopenhauer, também está indicado na citada elaboração retrospectiva de Horkheimer, de 1968: "apesar do contraste político".

Em seguida, porém, temos o oposto: "o existente não se torna glorificado pela desconfiança schopenhaueriana ante à reforma e à revolução" (Horkheimer, 1985, p. 164). Pelo contrário: à constatação de que em sua obra nada é prometido, nem no céu e nem na Terra, soma-se a vigilante denúncia de todo e qualquer fanatismo e idolatria (tema retomado no artigo *A atualidade de Schopenhauer*), incluídos aí os populismos com os quais os Führer de toda e qualquer raça, época e orientação política desejam conduzir seus seguidores. À surpreendente afirmação de 1955 de que "no nominalismo de Schopenhauer em relação à sociedade reside a raiz de sua grandeza" (Horkheimer, 1985, p. 47), soma-se em 1961 a de que ele "não perdeu de vista as variações da injustiça social que era própria às diversas épocas e que imprimiu à maior parte das populações o selo de *proletarii* ou *servi*" (Horkheimer, 2018, p. 195). Mas, de novo, o pessimismo metafísico em relação à sociedade precisaria ceder para um pessimismo crítico *das sociedades* ou de seres sociais específicos.

Já no artigo *Pessimismo hoje*, os elementos centrais de um pessimismo crítico horkheimeriano consistem na crítica de uma cada vez menor importância do indivíduo e da cultura no interior da sociedade administrada, depois de Auschwitz, ou depois dos horrores de Hitler e Stalin. O diagnóstico de um pessimismo não resignado ou não conformista é o de que "ao horror do passado sucederá um futuro administrado" (Horkheimer, 1985, p. 39), com o que a humanidade se converteria num gênero unitário como o de outros seres vivos; que a fantasia, a religião, o anseio e o pensamento autônomo seriam ilusões superadas. Esse pessimismo que, ao contrário daquele de Schopenhauer, é incondicionado por não contar com nenhuma alternativa quietista ou redentora, de retorno à vontade universal daqueles que su-

peram o egoísmo, encontra material, portanto, no próprio desenvolvimento da sociedade: "Mesmo quando as revoluções, do mesmo modo que o progresso técnico, produzam novas ordens com um maior equilíbrio material, a cultura não estende de forma proporcional aos ex-oprimidos a capacidade de ser feliz que em outro tempo pertencera a seus senhores" (Horkheimer, 1985, p. 40). Assim, apesar das possíveis e tão desejadas superações em termos materiais, o passado de opressão permanecerá irremediavelmente insuperado em termos culturais e espirituais. Sem que essa constatação devolva o pessimismo para a sua forma conformista e resignada, ela o mune de uma característica imprescindível e determinante para ser considerado crítico: dirigir-se ao passado, mais do que ao futuro. O exemplo da escravidão em tantas sociedades, implícito no termo "senhores" da elaboração anterior, pode ser um dos casos históricos mais evidentes. Sua marca indelével permanecerá como chaga humanitária, não obstante todos os abolicionismos.

4 Uma inconsequência do pessimismo crítico de Horkheimer? Em defesa de um pessimismo crítico prático

Há algo a mais para nossa questão ao final do artigo *Pessimismo hoje*, de Horkheimer. Trata-se do que o autor compreende como produto do pessimismo, que por isso mesmo é chamado ali de "pessimismo produtivo"¹¹, mas definido como uma espécie de "práxis otimista". É uma das principais características do pessimismo crítico de Horkheimer que propomos repensar, o que implicaria até mesmo uma redefinição da noção, sem abandonar a qualificação de "produtivo". O problema consiste basicamente em como o pensador compreende a prática da solidariedade ou a práxis em geral na condição de decorrência da crítica pessimista anterior; esse conceito de solidariedade, como sabemos, vincula diretamente o fundador da Escola de Frankfurt com representantes atuais da Teoria Crítica, principalmente com Habermas. Com efeito, para Horkheimer,

Schopenhauer teria sido o primeiro a teorizar um princípio de solidariedade entre os humanos sem apoiá-lo num além qualquer ou numa metafísica consolatória, mas firmando-o na finitude humana e no abandono da humanidade sobre uma Terra na qual não reina qualquer divindade benévola. Mas no referido final de *Pessimismo hoje*, temos uma explicação que nos parece problemática:

Hoje podemos dizer que os motivos de conforto estão se tornando cada vez mais frágeis. Resta unicamente o anseio – também ameaçado pelo progresso – que é comum a todos os humanos conscientes da miséria do passado, da injustiça do presente e da perspectiva de um futuro desprovido de significado espiritual. Se essas pessoas se encontrassem, esse desejo poderia permitir uma forma de solidariedade que também incluiria momentos teológicos, de uma forma não dogmática. Sua atitude, em última análise *negativa*, estaria ligada ao que aqui, em Frankfurt, é chamado de "teoria crítica". Os seres humanos unidos por esse anseio não poderiam afirmar nada sobre o Absoluto, sobre uma realidade puramente inteligível, sobre Deus e a redenção; não poderiam atribuir um valor de verdade absoluta ao seu conhecimento, a nenhuma forma de conhecimento. Poderiam, no entanto, difundir a solidariedade, indicar – levando em conta aquele progresso que é necessário, embora deva ser pago com um preço alto – o que deve ser mudado ou preservado para aliviar os sofrimentos humanos. Ao *pessimismo teórico* poderia ser associada uma *práxis não anti-otimista* (*nicht unoptimistische Praxis*) – que, ciente do mal universal, tentasse melhorar o mundo tanto quanto possível (Horkheimer, 1985, p. 232, tradução minha, grifos meus).

Esse fragmento é extremamente rico em elementos que identificam pessimismo com Teoria Crítica, em especial pelo caráter negativo da práxis conjecturada. Porém, tal práxis apresenta-se estranha à medida que nasceria de uma fonte de onde não poderia brotar. Como poderia um pessimismo se tornar otimismo sem mais? Parece se tratar de um flagrante *non sequitur*. Somando-se a essa estranheza, sabemos que, logo após a morte de seu grande amigo e companheiro Theodor Adorno, Horkheimer escreveu o seguinte, em *Teoria Crítica ontem e hoje*:

Para concluir, gostaria de dizer uma palavra sobre a diferença entre pessimismo e otimismo.

¹¹ No original: "[...] habe ich versucht, etwas zur Angemessenheit des Pessimismus an die heutige Welt beizutragen, wie auch noch anzudeuten, inwiefern er produktiv sein könnte" (Horkheimer, 1985, p. 232).

A concepção de culpa da humanidade é de fato pessimista; e pessimista é a crença de que a história caminha em direção a um mundo administrado, de modo que o que chamamos de espírito e imaginação acabará em grande parte regredindo [...]. Mas em que consiste então o otimismo que compartilho com Adorno, meu falecido amigo? Na crença de que, apesar de tudo, devemos tentar fazer e alcançar aquilo que acreditamos ser verdadeiro e bom. Este era o nosso princípio: *pessimista na teoria e otimista na prática* (Horkheimer, 2022, p. 353, grifos meus)¹².

Nessa reveladora confissão de um dos "princípios" em comum da longa e frutífera parceria intelectual com Adorno – que acaba sendo, aliás, uma declaração de amor e lealdade de uma rara dupla autoral da Filosofia ocidental –, o problema referente ao estatuto filosófico do pessimismo não surge apenas por uma questão retórica ou terminológica. Mesmo que tenha sido, como provavelmente foi, apenas a forma encontrada por Horkheimer para indicar que o tipo de desdobramento da constatação pessimista teórica na práxis não seria simplesmente a face aplicada do mesmíssimo pessimismo, o uso de "otimismo" ou de "otimistas" pode causar mais do que apenas um incômodo com o emprego de um termo. E isso tanto para a defesa de que o pessimismo deva ser apenas "um momento" do materialismo ou da crítica quanto para a defesa de que – conforme gostaria de defender – deva ser um *continuum*, um dispositivo reiterado de todos os momentos, até a conquista emancipada. Pode levar a um problema semântico que indicaria incoerência em reservar ao pessimismo apenas a teoria.

Seria possível compreender que Horkheimer tenha dissociado teoria e prática do pessimismo para se distanciar de Schopenhauer, para quem, como vimos, "se expresso PRATICAMENTE, [o mundo] não deveria ser, TEORICAMENTE ele também não seria um problema" (Schopenhauer, 2015, p. 662), o que implicaria, para Horkheimer, definir também a práxis do pessimismo teórico

como questão metafísica de ser ou não ser, ou da preferência pelo não ser. Isso realmente não poderia definir um pessimismo crítico ao modo da Teoria Crítica, inclusive porque Horkheimer não reconhece todas as conclusões da metafísica schopenhaueriana. Ou se tratou apenas do emprego de "pessimismo" e "otimismo" em sentido acrítico, como aquele feito cotidianamente pelo senso comum? De fato, não é difícil encontrar empregos do termo "pessimismo" em sentido acrítico em comentadores da Teoria Crítica, inclusive em textos sobre Horkheimer e Adorno (por exemplo, em Wiggershaus, 2002, p. 311, 565, 614, 647, etc.). E, na verdade, o próprio Horkheimer empregava muitas vezes o termo "pessimismo" em sentido acrítico. De qualquer modo, se a "prática do pessimismo" não é uma exceção em relação ao modo como Horkheimer – com Adorno – assimila a práxis de raiz marxista, ou seja, como dialeticamente unitária em relação à teoria, então tratar-se-ia, sim, de uma inconsequência flagrante. Porém, quando não usa os termos em sentido acrítico, podemos afirmar que o conteúdo filosófico do que Horkheimer chama de "otimismo prático" é tudo aquilo que compõe a defesa da busca pelo "inteiramente Outro", da fase tardia de sua produção. Trata-se de uma declarada positividade, por meio da chamada "teologia não dogmática" e da solidariedade, em busca de um mundo *justo*, em vez dos combates a um mundo *injusto*.

Outro aspecto da questão refere-se à interessante e necessária delimitação do pessimismo teórico a um papel crítico em relação ao passado e ao presente. O próprio Horkheimer deixou implícito em muitas de suas menções ao pessimismo filosófico que a tarefa deste pouco teria a ver com o futuro. Como bem observa Cacciola (2021, p. 7), nisso se poderia notar a presença da ideia de temporalidade de Schopenhauer, "para quem o tempo se reveste de circularidade, aproximando-se de um eterno presente, um *hic et nunc*".

¹² Essa proposta de otimismo prático de Horkheimer nada tem a ver com a crítica feita por ele às teses da negação da vontade e do livro IV de *O mundo* em geral, tema que não analisarei aqui (cf. Ramos, 2017). Ou melhor: tem a ver, mas no sentido de ser o oposto à proposta de Schopenhauer que desemboca no elogio ao quietismo e ao ascetismo. Em um fragmento póstumo intitulado *Schopenhauer als Optimist*, Horkheimer acusou Schopenhauer de ter sido contraditório em relação a seu pessimismo por meio de teses como a do retorno da vontade individual à vontade una (cf. Horkheimer, 2008, p. 388).

Essa premissa, imprescindível para a definição da criticidade do pessimismo, teria, no entanto, que se transmutar em otimismo para se dirigir ao futuro?

Nenhum otimismo filosófico, nenhuma práxis otimista, nem mesmo aquelas que possam ser compreendidas como construção e implementação efetiva dos diversos e urgentes tipos de solidariedade – que parece ter sido a razão mais direta dada por Horkheimer para uma práxis otimista –, serviria para a continuidade da crítica ou para ajudar a implementar emancipações. Os dois elementos eliminam-se mutuamente: admitir qualquer tipo de otimismo, mesmo se fosse um otimismo crítico, significaria encerrar imediatamente qualquer projeto crítico de sociedade. Pois precisaríamos necessariamente de algum Deus, de algum absoluto ou de alguma teodiceia – asseguradores do otimismo metafísico – como condições para um otimismo afirmar-se em nome de algum bem e, assim, comprometer todo o caráter negativo da crítica? O caráter negativo da práxis solidária, expressamente indicado, em especial no fragmento anterior citado do artigo *Pessimismo hoje*, seria facilmente comprometido por ser proposto como otimismo prático. Seria, de fato, demasiado afirmativo.

Para evitar essa *contradictio in adjecto*, seria crucial assumir a face aplicada do pessimismo crítico, para se referir ao futuro simplesmente como *pessimismo crítico prático*, em alternativa a otimismo prático. Em que consistiria e quais seriam seus componentes principais? A (re)definição pode ser organizada a partir dos dois referidos componentes do projeto inicial da Teoria Crítica: o da possibilidade de *diagnosticar patologias sociais* e o da transformação da realidade em termos de *emancipação social*. Essas duas premissas elementares, comuns a qualquer geração, esfera ou faceta da Teoria Crítica, poderiam se beneficiar de algo próprio de um pessimismo teórico crítico que se torna pessimismo prático, nos termos que seguem.

1) Para os diagnósticos sociais sempre renovados, a inigualável capacidade de inconformismo e o pressuposto basilar da injustificabilidade dos

males (supostamente) passados garantiriam não ser possível ceder à naturalização das misérias e dos horrores. Para não sobrecarregar ainda mais – genérica e metafisicamente – “a essência do mundo” com novas formas do mal, a dialética da recusa terminante de qualquer justificação do horror do passado seria um pressuposto que evidenciaria uma das grandes vantagens da adoção de visão de mundo pessimista, de que qualquer outra visão de mundo não poderia dispor com tanta força. Uma das consequências benéficas para todo e qualquer projeto emancipatório seria a recusa do convencimento de que a dominação combatida estará definitivamente superada. Por exemplo, as injustiças históricas não seriam “reparadas”, no sentido em que geralmente são assumidas pelos grandes empenhos históricos ou pelos movimentos sociais do presente, mesmo que as melhores compensações em termos de direitos e bem-estar dos ex-oprimidos sejam agora proporcionadas.

2) Para a elaboração de promessas emancipatórias, um pessimismo crítico teórico teria, então, que se desdobrar em pessimismo crítico prático – e não em otimismo prático. Com ele, para cada âmbito de penúria, padecimento ou exploração a nível social, teríamos contribuições específicas para as eventuais superações de opressões se tornarem, inclusive, mais autênticas e verdadeiras do que seriam apenas como apostas inspiradas em promessas de otimismo. Um pessimismo crítico prático pode funcionar como anteparo para detectar o que haveria de ilusório em promessas emancipatórias e de futuro. Ademais, não se miraria o positivo, com o que as lutas não se tornariam projetos positivados de busca por um grande bem, com o que facilmente, por exemplo, o oprimido pode se tornar o opressor. Um tal pessimismo garantiria a recusa em encaminhar as causas emancipadas para novos projetos de dominação. As lutas, então, precisariam se dar muito mais em vista da aquisição de consciência histórica das *injustiças*, acumulando motivos sociais para que não se repitam, prevenindo regressões, em vez da perseguição de um fim positivo de instauração da *justiça*.

Para as duas dimensões indicadas, a maior colaboração ou produção que o pessimismo crítico pode oferecer à crítica social – e à própria Teoria Crítica como um todo – é a da garantia de seu caráter negativo, motivo pelo qual não poderia se desdobrar *praticamente* em otimismo. Nenhum outro aparato filosófico ofereceria tal garantia de forma mais consistente do que ele, pois negar o positivo por meio da negação de otimismo de sistemas filosóficos (especulativos ou práticos) é sua própria razão de ser e tarefa primária. Não foi por acaso que Adorno, em sua *Dialética negativa*, reconheceu o seguinte:

Assim como a imanência do destino, o espírito do mundo é embebido em sofrimento e em falibilidade. Sua negatividade é banalizada como um acidente por meio da instalação da imanência total no nível do essencial. Todavia, experimentar o espírito do mundo como um todo significa experimentar sua negatividade. Foi isso que anunciou a crítica schopenhaueriana do otimismo oficial (2009, p. 254).

Portanto, a complementariedade entre a ideia geral de uma Teoria Crítica e o pessimismo (crítico) não se baseia apenas na referida consonância entre espanto filosófico, inconformidade com o *status quo* e crítica, mas no reconhecimento básico de que o pessimismo é a própria voz do negativo. Horkheimer e Adorno pareciam cientes disso, mas para o tempo presente não nos parece sem sentido ou uma obviedade defender que qualquer projeto emancipatório de Teoria Crítica teria de ser necessariamente – e não apenas em um primeiro momento – um projeto de pessimismo. É nesse sentido que a epígrafe de Saramago (1997), se parece exagerada ao afirmar que “os únicos interessados em mudar o mundo” seriam os pessimistas – e, talvez, a essa altura já esteja clara qual estirpe de “pessimistas” se prestaria a esse fim –, seria ainda mais verdadeira se dita assim: não é possível desejar mudar o mundo sem, antes e de alguma forma, ser pessimista; ou, o que seria o mesmo: é impossível desejar mudar o mundo sendo otimista, dado que seria impossível ser filosoficamente otimista sem “estar encantado com o que está aí”, ou seja, deslumbrar-se e satisfazer-se com o *status quo*.

Conclusão

Além de insistirmos na libertação do pessimismo das pechas de quietismo, imobilismo e resignação, notamos em que termos um pessimismo crítico – ao contrário de outros pessimismos – teria cidadania como aliado de primeira ordem da Teoria Crítica e de projetos emancipatórios. Isso à medida que ele se apresenta como garantia subversiva de não conformismo, como um dispositivo determinante para garantir o caráter *negativo* da crítica mediante a crítica constante ao otimismo como sinônimo de positividade. Há uma subversão que só poderia ser garantida pelo pessimismo crítico, pois ele seria o dispositivo da crítica que mais asseguraria aquele espírito de não conformismo, explicitado de forma exaustiva por Demirovič (1999), que marca os inícios da Teoria Crítica. Não conformismo em relação ao passado e ao presente, sem se imiscuir em expectativas de futuro como pessimismo acrítico.

Um pessimismo acrítico e improdutivo seria tanto aquele do senso comum, identificado com lamúria e expectativas ruins sobre o futuro, quanto todos aqueles filosóficos que vão apenas até a constatação das misérias do mundo. Um pessimismo crítico e produtivo seria aquele disposto a narrar os mais diversos males da sociedade, individualizando-os, diferente do que faz o pessimismo metafísico, que narra o mal universal e sempre será vago ao se dirigir a questões sociais. Ele não se encerra em si mesmo, mas visa escancarar e subverter a ordem que possibilita as misérias e os males sociais.

Em resumo, para uma possível (re)definição de *pessimismo crítico*, precisaríamos estabelecer as seguintes três premissas, com a necessidade de repensar as duas últimas em relação ao modo como Horkheimer concebeu as contribuições de um pessimismo para elaborar diagnósticos entre o *malum metaphysicum* e o *malum physicum* e, assim, ajudar a formular propostas de emancipação: (i) para ser considerado “crítico”, um pessimismo filosófico precisa se prestar a pautar os diferentes males sociais, muito além do mal metafísico; precisa ter delimitado, portanto, a qual mazela, a qual chaga ou qual dominação

social se refere; (ii) o pessimismo crítico não deveria ser assumido apenas como um “momento de todo materialismo genuíno”, mas como um *continuum* necessário a qualquer projeto crítico de sociedade; pois, (iii) o tipo de práxis que se deveria associar ao pessimismo teórico não deveria ser um otimismo prático, mas justamente um *pessimismo crítico prático*, que corresponde a um *pessimismo produtivo*, como garantia de recusa permanente à positivação de futuros processos emancipatórios. O horizonte a ser mirado como resultado da força produtiva e crítica desse pessimismo precisaria necessariamente dispor de esperanças, mas não de otimismo. Trata-se de uma questão de coerência lógica, antes de tudo. Esperanças de emancipação em relação a sofrimentos *injustificáveis* do passado e do presente, motor do pessimismo crítico, seriam sempre emancipações parciais, não redensões; seriam a *negação* de algo *pior*, medida de impedimento do pior, portanto negativa em sentido schopenhaueriano e também no sentido dos inícios da Teoria Crítica com Horkheimer e Adorno.

Um pessimismo crítico-produtivo primeiro ajudaria a Teoria Crítica a diagnosticar o presente, depois a auxiliaria a não cair na tentação de positivar o futuro, impedindo-a de confundir emancipação de flagelos sociais com superação total do passado opressor e busca utópica por um grande bem. É como se funcionasse como um dispositivo feito para detectar o pior do passado, a inconformidade com o presente e a busca por evitar o pior do futuro. Para esse último caso, deixa de ser pessimismo teórico para se tornar pessimismo prático. Nessa leitura, não há qualquer grande bem, grande fim, grande meta que não se apresente como complicador em vez de elemento mobilizador benéfico. As significativas contribuições que, dessa forma, um pessimismo crítico ofereceria à Teoria Crítica exigiriam que seus representantes parassem de usar o termo “pessimismo” para se referir a baixas expectativas, exatamente como acontece no emprego acrítico – e improdutivo – do pessimismo. Para ser produtivo, o pessimismo não precisa se tornar otimismo.

Referências bibliográficas

- ADORNO, T. W. *Dialética negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BEISER, F. *Weltschmerz: Pessimism in German Philosophy, 1860-1900*. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- CACCIOLA, M. L. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. Prefácio de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: EdUSP, 1994.
- CACCIOLA, M. L. Che cosa significa una lettura di sinistra del pensiero di Schopenhauer. In: FAZIO, D.; VITALE, M. *Prospettive*. Tredici saggi a duecento anni dal Mondo come volontà e rappresentazione di Arthur Schopenhauer. Lecce: Pensa MultiMedia, 2022. p. 19-28.
- CACCIOLA, M. L. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. 2ª ed. Apresentação de Domenico Fazio; Prefácio de Rubens Rodrigues Torres Filho; Posfácio de Vilmar Debona. Florianópolis: EdUFSC; São Paulo: EdUSP, 2023 (Coleção Voluntas).
- CACCIOLA, M. L. Nota à tradução. In: SCHMIDT, A. *Schopenhauer e o materialismo*. Trad. Maria Lúcia Cacciola. São Paulo: Clandestina, 2021.
- CHIARELLO, M. *Das lágrimas das coisas: estudo sobre o conceito de natureza em Max Horkheimer*. Campinas: EdUNICAMP, 2001.
- CIRACÌ, F. Schopenhauer-Impact: effetti di un meteorite. In: FAZIO, D. M.; VITALE, M. (a cura di). *Prospettive*: tredici saggi a duecento anni dal Mondo come volontà e rappresentazione di A. Schopenhauer. Lecce: Pensa MultiMedia, 2022.
- CORBANEZI, E. Schopenhauer entre Marx e Schopenhauer: do materialismo pessimista ao pessimismo materialista. *Transformação*, Marília, v. 40, n. 4, p. 111-132, 2017.
- DEBONA, V. *A outra face do pessimismo: caráter, ação e sabedoria de vida em Schopenhauer*. São Paulo: Loyola, 2020. (Coleção Leituras Filosóficas).
- DEBONA, V. *A outra face do pessimismo: entre radicalidade ascética e sabedoria de vida*. 2013. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. DOI:10.11606/T.8.2013.tde-27022014-101736.
- DEBONA, V. Schopenhauer, Horkheimer e o sofrimento social. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba, v. 33, n. 60, pp. 828-845, 2021. DOI: <https://doi.org/10.7213/1980-5934.33.060.DS05>.
- DEBONA, V. Schopenhauer's great and small ethics: On the mysteriousness, (im)mediacy, and (un)sociability of moral action. *Schopenhauer-Jahrbuch*, Würzburg, Bd. 103, p. 57-80, 2022. Parcialmente disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/256895>.
- DEMIROVIĆ, A. *Der non-konformistische Intellektuelle*. Die Entwicklung der Kritischen Theorie zur Frankfurter Schule. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999.

DURANTE, F. A esquerda schopenhaueriana no Brasil. *Voluntas: revista internacional de filosofia*, Santa Maria, v. 9, n. 1, p. 137-147, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179378633548>.

DURANTE, F. *Entre heresias e atualidades de Arthur Schopenhauer*. Campinas: Phi, 2022.

FAZIO, D. M. La doppia faccia del pessimismo. *Cuadernos de Pessimismo*, México, n. 2, p. 109-123, 2023a.

FAZIO, D. M. Il male fisico e il male metafisico. Max Horkheimer: un eretico della Scuola di Schopenhauer. *Archivio di Storia della Cultura*, Napoli, anno XXXVI, p. 109-132, 2023b.

FREITAS, M. S. *Razões do pessimismo: estudos para uma interpretação geral do pessimismo filosófico à luz de Schopenhauer, Eduard von Hartmann e Matias Aires*. 2024. 234 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024.

HAYM, R. Die Hartmann'sche Philosophie des Unbewussten. *Preussische Jahrbücher*, Berlin, Bd. 31, Heft 1-3, 1873.

HORKHEIMER, M. A atualidade de Schopenhauer. Trad. Lucas Lazarini. *Voluntas: revista internacional de filosofia*, Santa Maria, v. 9, n. 2, p. 190-208, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179378636126>.

HORKHEIMER, M. *Archiv der Goethe-Universität Frankfurt a.M. (UBA Ffm, Na 1, 762): Vorträge u.a. zu Schopenhauer, Sigmund Freud, über Vorurteile und Antisemitismus*. Frankfurt, accessed in July, 2024. Unpublished.

HORKHEIMER, M. Kritische Theorie gestern und heute. In: GESAMMELTE Schriften. Bd. 8. 2. Auflage. Hrsg. von Gunzelin S. Noerr. Frankfurt am Main: Fischer, 2022.

HORKHEIMER, M. *Kritische Theorie*. Eine Dokumentation. Hrsg. von Alfred Schmidt. Frankfurt am Main: Fischer, 1968.

HORKHEIMER, M. Notizen 1949-1969. In: GESAMMELTE Schriften. Bd. 6. 2. Auflage. Hrsg. von Alfred Schmidt u. Gunzelin S. Noerr. Frankfurt am Main: Fischer, 2008.

HORKHEIMER, M. *Schopenhauer und die Gesellschaft* (p. 43-54). *Die Aktualität Schopenhauers* (p. 122-142). *Pessimismus heute* (p. 224-232). In: *Gesammelte Schriften*. Bd. 7. Hrsg. von Alfred Schmidt u. Gunzelin S. Noerr. Frankfurt am Main: Fischer, 1985.

HORKHEIMER, M. *Teoria crítica: uma documentação*. Trad. Hilde Cohn. Apresentação Olga Matos. São Paulo: Perspectiva: Edusp, 1990.

HORKHEIMER, M. Teoria tradicional e teoria crítica. In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T.; HABERMAS, J. *Textos escolhidos*. Trad. J. L. Grunewald et al. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

JAY, M. *A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

KNAUER, G. *Das Facit aus E. v. Hartmann's Philosophie des Unbewussten*. Berlin: L. Heymann's Verlag, 1873.

LUKÁCS, G. *A destruição da razão*. Trad. B. H. Hess, R. Patriota, R. V. Fortes. São Paulo: Instituto Lukács, 2020.

LÜTKEHAUS, L. Einleitung II: Pessimismus und Praxis. Umrisse einer kritischen Philosophie des Elends. In: EBELING, H.; LÜTKEHAUS, L. (Hrsg.). *Schopenhauer und Marx*. Philosophie des Elends – Elend der Philosophie. Frankfurt a.M.: Syndikat, 1985.

LÜTKEHAUS, L. Existe uma sinistra schopenhaueriana? Ouvero: il pessimismo è un quietismo? In: CIRACÌ, Fabio; FAZIO, Domenico. M.; PEDROCCHI, Francesca (a cura di). *Arthur Schopenhauer e la sua scuola*. Lecce: Pensa Multimedia, 2007. p. 15-34.

LÜTKEHAUS, L. *Metaphysischer Pessimismus und „soziale Frage“*. Bonn: Bouvier V. H. Grundmann, 1980.

MALTER, R. Il pessimismo: un concetto critico. In: CENTRO INTERDIPARTIMENTALE DI RICERCA SU ARTHUR SCHOPENHAUER E LA SUA SCUOLA (a cura del). *La scuola di Schopenhauer: testi e contesti*. Lecce: Pensa MultiMedia, 2009. p. 624-635.

MATOS, O. C. F. *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MATOS, O. C. F. *A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo*. São Paulo: Moderna, 1993.

MATOS, O. C. F. Apresentação. In: HORKHEIMER, M. *Teoria Crítica: uma documentação*. Trad. Hilde Cohn. São Paulo: Perspectiva, 2015.

MELO, R. Teoria Crítica e os sentidos da emancipação. *Caderno CRH*, Salvador, v. 24, n. 62, p. 249-262, 2011.

MIGGIANO, P. Influenze schopenhaueriane nella "Sehnsucht" del giovane Horkheimer. *Voluntas: revista internacional de filosofia*, Santa Maria, v. 8, n. 1, p. 84-115, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179378633732>.

NOBRE, M. *A Teoria Crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

PLÜMACHER, O. Pessimism. *Mind*, [s. l.], n. 4, p. 68-89, 1879.

PLÜMACHER, O. *Der Pessimismus in Vergangenheit und Gegenwart*. Geschichtliches und Kritisches. Heidelberg: Georg Weiss, 1883.

POST, W. *Kritische Theorie und metaphysischer Pessimismus*. Zum Spätwerk Max Horkheimers. München: Kösel-Verlag, 1971.

RAMOS, F. C. "Schopenhauer como otimista": considerações sobre um apontamento de Horkheimer. In: CORREIA, A.; DEBONA, V.; TASSINARI, R. (org.). *Hegel e Schopenhauer*. São Paulo: Anpof, 2017. p. 288-299.

RAMOS, F. C. Horkheimer leitor de Schopenhauer: uma tradução e um breve comentário. *Cadernos de Filosofia Alemã*, São Paulo, n. 12, p. 99-113, 2008.

RUGGIERI, D. Schopenhauer's legacy and Critical Theory. Reflections on Max Horkheimer's unpublished archive material. *Schopenhauer-Jahrbuch*, Würzburg, Bd. 96, p. 93-108, 2015.

SARAMAGO, J. Entrevista. *Folha de São Paulo*, 18 Nov., 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq181116.htm>. Acesso em: 25 set. 2024.

SCHMIDT, A. *Drei Studien über Materialismus. Schopenhauer, Horkheimer, Glücksproblem*. München: Carl Hanser Verlag, 1977.

SCHMIDT, A. *Schopenhauer e o materialismo*. Trad. Maria Lúcia Cacciola. São Paulo: Clandestina, 2021.

SCHOPENHAUER, A. *Gespräche*. Hrsg. von Arthur Hübscher. Stuttgart-Bad Cannstatt: Fromman, 1971.

SCHOPENHAUER, A. *Parerga and Paralipomena: Short Philosophical Essays*. v. II. Transl. a. ed. by Adrian del Caro and Christopher Janaway. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

SCHOPENHAUER, A. *Sämtliche Werke*. Hrsg. von Paul Deussen. 16 Bdn. München: Piper Verlag, 1911-1941. In: "SCHOPENHAUER im Kontext III" – Werke, Vorlesungen, Nachlass und Briefwechsel auf CD-ROM (Release 1), 2008.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2015.

SEMBLER, C. Teoría Crítica y sufrimiento social en Max Horkheimer. *Constelaciones*: revista de teoría crítica, Madrid, n. 5, p. 260-279, 2013.

TAUBERT, A. *Der Pessimismus und seine Gegner*. Berlin: Carl Duncker's, 1873.

VEAUTHIER, F. W. Zur Transformation der Pessimismus-Motive im Denken Max Horkheimers. *Schopenhauer-Jahrbuch*, Frankfurt am Main, Bd. 73, p. 593-607, 1988.

WIGGERSHAUS, R. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Trad. Lilyane Deroche-Gurgel. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

ZANGHI, D. *Compassione e rivolta*. Lo schopenhauerismo controcorrente del giovane Horkheimer nei testi di Aus der Pubertät. Roma: Castel Vecchi, 2023.

Vilmar Debona

Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Realizou pós-doutorados na Universidade de São Paulo e na Goethe-Universität Frankfurt am Main. É membro do GT-Schopenhauer da ANPOF, membro associado da Schopenhauer-Gesellschaft (Frankfurt a.M.) e da sua Seção brasileira; cofundador e editor-chefe da *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*. Seus interesses de pesquisa incluem a filosofia de Arthur Schopenhauer, ética, sofrimento social, Pessimismo Crítico e Teoria Crítica.

Endereço para correspondência

VILMAR DEBONA

Rua Fernando Machado, 192, apto. 507

Centro, 88020-130

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação do autor antes da publicação.